ABORDAGENS FOUCAULTIANAS PARA UMA METODOLOGIA DOS ESTUDOS DA WEB SEGUNDO O CONCEITO DE DISPOSITIVO

FOUCAULTIANS APPROACHES TO A METHODOLOGY OF WEB STUDIES ACCORDING TO THE CONCEPT OF DEVICE

Carmen Lucia Souza da Silva[1]
Ana Claudia da Cruz Melo[2]

Resumo: Este trabalho tem como objetivo trazer aportes teóricos relacionados ao conceito de *dispositivo* em Foucault

1. Professora adjunta do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS), mestre em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Lyon 2 (França) e especialista em Poéticas Visuais: Gravura, Fotografia e Imagem Digital pela Universidade Feevale (RS). Coordena o Grupo de Pesquisa Museus e Patrimônio na Amazônia (UFPA). E-mail: carmensilva.fotografia@gmail.com

2. Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Bolsista CAPES/PROSUP. Mestre em Ciências da Comunicação e especialista em Cinema pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS). Professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: claudiamelo22@gmail.com.

e contribuições para análise de práticas expandidas para a WEB, relacionadas aos desejos de conversação e silenciamento causados por tensões ou encontros entre atores sociais. Revisita e delineia como se dá a elaboração da compreensão de *dispositivo* em Foucault e exercita um diálogo com os estudos em *Midiatização*. Por fim, apresenta reflexões acerca de escolhas metodológicas feitas no âmbito de pesquisas, concluídas e em andamento, com a intenção de demonstrar como as tecnologias de conexão em rede estão no *dispositivo*, segundo a acepção de Foucault, repleto de vivências e embates.

Palavras-chave: Dispositivo. Midiatização. WEB.

Abstract: This work aims to provide theoretical frameworks related to the concept of device in Foucault and contributions for analysis of practices expanded to the WEB, related to the desires for conversation and silencing caused by tensions or meetings among social actors. It revisits and outlines how the elaboration of the understanding of device in Foucault works and practices a dialogue with the studies on Mediatisation. Finally, it presents reflections upon methodological choices made in the context of the researches, concluded and ongoing, with the purpose of demonstrating how the network connection technologies are in the device. according to Foucault's acception, which is full of experiences and discussions.

Keywords: Device. Mediatisation. WEB.

De que forma o conceito de *dispositivo* em Michel Foucault pode ser trabalhado para pensar a sociedade que se expande em tramas de relações e de tensões em processos ainda mais dinâmicos e complexos, na contemporaneidade, por incorporar as tecnologias de conexão em rede, em configurações de afetação mútua? Esse é o questionamento que nos guia na reflexão sobre possíveis contribuições para análise de fenômenos que acontecem na sociedade, midiatizada, relacionados aos desejos de conversação e silenciamento causados por encontros ou disputas entre atores sociais. Neste âmbito, também propomos, em exercício, articular o conceito de *dispositivo* em Foucault aos estudos de *midiati-*

zação para pensar a rede, que transborda de sua finalidade inicial para ser espaço de vivências e embates.

Trazemos experiências de pesquisas, concluídas e em andamento, que têm como foco, em comum, os processos e as interações expandidos para WEB e o conceito de *dispositivo* em Foucault. O primeiro estudo, neste prisma, resultou na tese de doutorado intitulada *Embates sobre o Webjornalismo Brasileiro: Censura, controle e resistência na midiatização do jornalismo na internet*[3] e que, agora, se desdobra para investigar ambientes de fala e de silenciamento em torno da expansão da socialização do patrimônio cultural na WEB, por meio da pesquisa *Museus e Patrimônio: Musealização no Centro Histórico de Belém (CHB)*, que, neste ângulo de estudo, a partir de 2017 se soma ao projeto *Cartografias na Internet: Entre memórias e patrimônio*[4].

A outra pesquisa, que articula o conceito de *dispositivo* em Foucault e WEB, vem dos estudos[5] que investigam os debates sobre a temática *queer* nas telenovelas e os seus desdobramentos sócio-políticos transmidiáticos[6]. Questiona como as telenovelas desencadeiam, em espaços midiáticos, campos de debate que já perduram cerca de quatro décadas no Brasil quando o assunto é homossexualidade. Seria possível, por exemplo, pensar em um campo midiático, no caso da WEB, de disputas pela existência social do corpo ou por uma identidade de gênero? E quais são as afecções e os afetos (alegria, tristeza, felicidade, simpatia, vergonha, etc..) que estão no cerne dos debates e que se deixam ver? Para buscar respostas a estas perguntas é que partimos do

3. Tese defendida em 2012 por Carmen Lucia Souza da Silva na Unisinos.

4. Ambas as pesquisas são desenvolvidas no âmbito do curso de Museologia da UFPA.

5. Estudos de doutoramento, em andamento, desenvolvidos por Ana Claudia Melo, na PUC-SP.

6. O conceito de transmedia de Henry Jenkins (2008) vem sendo articulado por diversos pesquisadores para se referir a sinergia que ocorre entre mídias, especialmente, pós-internet. A partir deste conceito trazemos a idéia de transmídia como fenômeno de integração entre as mídias, para investigar o debate queer nas telenovelas, sendo levado para outras plataformas de Comunicação.

pressuposto que a WEB, mais do que qualquer *media,* é um espaço de produção de discursos em confronto, de relações de poder, e também de resistências. Um espaço complexo que intensifica o desejo plurissecular de confissão/colocação do sexo em discurso. Elementos que constituem o *dispositivo* de sexualidade.

A partir dessas investigações, traremos a perspectiva de *dispositivo*, na Comunicação, mas em diálogo com outros campos de conhecimento, como algo social, heterogêneo e complexo, próxima às acepções foucaultianas, e em dissintonia com as compreensões que o trazem como equipamento ou meio. As conexões que também estabelecemos com a *midiatização* buscam compreender as mobilizações em uma ambiência, ao mesmo tempo facilitada pelas plataformas digitais e em rede, e bloqueada em acessos, envolta em disputas, evidentes ou veladas, partes da mesma interface que não podem ser desassociadas.

1 *Dispositivo* em Foucault

Antes de partir para a abordagem das pesquisas, é preciso discutir o conceito de *dispositivo* em Foucault. Compreendê-lo dentro de uma longa trajetória de estudos. Talvez a começar quando sugeriu, com o lançamento de *As Palavras e as Coisas*, em 1966, que ao invés de estrutura há de se considerar a *épistémè* ligada à linguagem e que as ciências humanas não passariam de resultados de mutações de formações discursivas que se seguem uma às outras no tempo, sem qualquer sequência pré-ordenada ou necessária. Depois, passa a definir a *épistémè* como o *dispositivo discursivo*, diferentemente do *dispositivo* (grifos nossos) em seu conceito mais amplo, que englobaria tanto o discursivo como o não discursivo, com perfil heterogêneo. Esta trajetória de construção conceitual é detalhada em entrevista concedida a Alain Grosrichard, publicada em *Microfísica do Poder*, em 1979. Após ser questionado por Grosrichard sobre por que em *As Palavras e as Coisas* e na *A Arqueologia do Saber* falava em *épistémè* como formações discursivas e depois

passou a falar mais em *dispositivos*, disciplinas; e se isso representaria que estes conceitos substituem os precedentes, Foucault esclarece:

> Em *As Palavras e as Coisas*, querendo fazer uma história da *epistémè*, permanecia em um impasse. Agora, gostaria de mostrar que o que chamo de dispositivo é algo muito mais geral que compreende a *épistémè*. Ou melhor, que a *épistémè* é um dispositivo especificamente discursivo, diferentemente do dispositivo, que é discursivo e não discursivo, seus elementos sendo muito mais heterogêneos (Foucault, 1979, p. 246).

Em a *Microfísica do Poder,* Foucault (1979) prossegue não apenas apresentando o sentido, mas a função metodológica do termo *dispositivo*. Afirma que através deste termo tenta demarcar, decididamente, um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. “Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (Foucault, 1979, p. 244).

Foucault também demarca a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos situando a forma como o discurso pode aparecer: por meio de um programa institucional ou, ao contrário, para justificar e mascarar uma prática que permanece muda; ou como reinterpretação desta prática, permitindo a emergência de outro campo de racionalidade. A questão a considerar, segundo ele, é que entre os elementos (discursivos ou não) existe certo jogo que resulta em mudanças de posição ou modificações de funções.

Outro aspecto que Foucault coloca é que o *dispositivo* também pode ser entendido como uma formação que, em um determinado momento, teve como principal função responder a uma urgência. É nesse sentido que se poderia situar, inclusive, o *dispositivo* como tendo uma função estratégica dominante, que possui uma estrutura de elementos heterogêneos,

e também é constituído por certo tipo de gênese. Esta gênese é apresentada como tendo dois momentos essenciais. O primeiro momento é o da predominância de um objetivo estratégico. Em seguida, o *dispositivo* se constitui e continua sendo *dispositivo* na medida em que engloba um duplo processo:

> Por um lado, processo de sobredeterminação funcional, pois cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente; por outro lado, o processo de perpétuo preenchimento estratégico (Foucault, 1979, p. 245).

Com base nisso, Foucault traz a prisão como um *dispositivo* que fez com que em determinado momento da história fosse tida como um meio eficaz de combate à criminalidade. Entretanto, esse *dispositivo* teve um efeito não esperado que foi a constituição de um "meio delinquente". Para defender a ideia de que o *dispositivo* está sempre inscrito num jogo de poder (ligado a uma ou a configurações de poder), é que Foucault propõe *dispositivo* como algo heterogêneo, que transborda a sua concepção primeira de *epistémè* tratada em *As Palavras e as Coisas* e na *Arqueologia do Saber*.

Sob esta perspectiva do dispositivo - como algo mais heterogêneo e complexo -, é que compreendemos que as acepções foucaultianas sobre o dispositivo, no campo da Comunicação, se distanciam de compreensões que o trazem como suporte, técnica, aparelho ou os meios usados para dar uma impressão de realidade (Baudry, 1978). Ferreira (2007) aborda, por exemplo, o conceito de midiatização articulado a partir de três polos em relação de mútua determinação, formando o que denomina de "matriz da midiatização", onde o conceito de dispositivo é estratégico porque se articula aos processos sociais e aos de Comunicação, afetando-os e sendo delineados por esses. Ao explicar o que compreende como "dispositivos midiáticos", Ferreira destaca, inclusive, a complexidade do conceito de dispositivo, pois afirma que,

em sendo heterogêneo, "são constituídos por diversas outras intersecções ativadas nas relações entre semiose, sistemas de inteligibilidade e sistemas tecnológicos" (Ferreira, 2016, p. 148).

Portanto, compreendemos que, mais do que garantir a mediação, o dispositivo quando pensado na perspectiva foucaultiana é heterogêneo porque está voltado também para a problematização e análise de práticas da nossa cultura. E nesta era, de redes digitais, por que não pensar o dispositivo a partir das práticas vivenciadas por meio das redes digitais, em especial na WEB? Pensar o dispositivo, proposto por Foucault, nos elementos que permeiam a existência das relações vivenciadas na WEB, para demonstrar que as interações na atualidade podem ser compreendidas em um complexo dispositivo que permitiu o surgimento de uma rede de computadores que inicialmente tinha uma determinada finalidade. Mas essa rede transbordou a finalidade idealizada e se tornou um espaço, voltado às vivências de afetos e afecções (Spinoza, 2014), de conversação (Tarde, 2005) e também em um lugar de embates entre campos e atores sociais, o que discutimos e seguimos investigando nas pesquisas que abordamos neste trabalho. O dispositivo, portanto, não é o meio e, sim, tudo aquilo que permitiu que um espaço passasse a existir, ou seja, é um conjunto heterogêneo que envolve, como propõe Foucault, não apenas os discursos ou as instituições, mas também uma gama de outros elementos que estão em relação, dinamizam o processo e provocam afetações mútuas.

2 Interface entre "saber e poder"

Na tese Embates sobre o Webjornalismo Brasileiro: Censura, controle e resistência na midiatização do jornalismo na internet, examinamos como as relações de poder e de resistência, existentes na sociedade, vistas como partes inseparáveis e interdependentes, de acordo com Foucault (2010), emergem para o espaço da rede, gerando inclusive,

e o estudo enfoca esta questão, afetações sobre as práticas do jornalismo na WEB, permeadas por lógicas desenvolvidas na ambiência da midiatização. As novas formas de controle e de censura, que identificamos no estudo, resultam de tensões entre campos sociais, conflitos e rupturas, "que se tornam mais visíveis e dizíveis em uma sociedade cada vez mais midiatizada, onde a tecnologia do poder chega à rede, e se complexifica" (Silva, 2012, p. 276).

O aparente paradoxo entre o falar e o calar, entre o ver e o ocultar, entre o permitir e o controlar é desconstruído ao se revelar a interface das tensões evidenciadas ainda mais em espaços tecnológicos de fluxo interativo, onde as interconexões são construídas e roteadas. Se por um lado a plataforma digital e em rede traz um apelo à liberdade de expressão, por outro, estas práticas são contidas, "em algumas situações, pelo efeito de regulações, muitas vezes editadas em desconexo com a realidade de midiatização crescente da sociedade" (Silva, 2012, p. 275). Outra constatação é que a censura que percebemos no estudo brota de microlutas, cujas marcas são mais evidentes em uma rede que expande seus locais de fala à participação de cada vez mais atores.

É nesta "interface" que se estabelece entre o "saber e o poder" (Foucault, 2010, p. 229) que destacamos um dos enfoques da aplicação do conceito de dispositivo, não como meio, mas como uma rede entre o dito e o não dito, "uma instância onde os processos sociais, técnicos e discursivos, cada vez mais complexos, preparam os sentidos, em meio a uma nova dinâmica, plena de enfrentamentos" (Silva, 2012, p. 125). Para tecermos esta compreensão, nos foram valiosas as contribuições do filósofo francês, que percebia que "o poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder" (Foucault, 2010, p. 252). Ensinamentos que, acreditamos, podem ser conectados em estudos dialógicos em e entre diversas áreas do conhecimento.

3 A arquitetura do espaço e a trama no dispositivo

Aqui não se propõe apontar o espaço como inovação, posto que em sua relação com o tempo atravessa a história ocidental da humanidade (Foucault, 2009, p. 411)[7]. O importante é perceber as transformações, e tentar segui-las, compreendê-las, antes que nos escapem e se tornem outra coisa, também passível de estudos, evidentemente. Mas acompanhar o processo das transformações também nos facilita entender o dispositivo, e o que o (re)configura. Desta forma, acreditamos que estas abordagens podem compor uma metodologia para os estudos da WEB, vista como um ambiente de circulação, relação, mas também de reconhecimento, de pontos de passagem, que está na sociedade e é por ela vivenciada.

É por isso que nos deslocamos para outros estudos, em exercícios interdisciplinares, para compreensão agora de como a cultura, em especial as práticas sobre o patrimônio, se expande para a WEB. Observamos a rede para tentar perceber a trama, em uma tentativa de compreender o "jogo" no qual se inscreve o dispositivo. Os estudos em midiatização contribuem fortemente para esta compreensão, já que, nesta sociedade, atual, "o receptor é re-situado em outros papeis na arquitetura comunicacional emergente" (Fausto Neto, 2010, p. 6). Neste entendimento, também é importante considerar a "circulação" que concebe "as profundas alterações tecnológicas, na forma de meios e de discursos que engendram a 'arquitetura comunicacional', hoje" (Fausto Neto, 2010, p. 12, aspas do autor). Compreendemos a midiatização não somente aplicada ao jornalismo, mas com potencial em estudos

7. Para refletir sobre espaços e tempos múltiplos, Foucault (2009, p. 411-422) traz os conceitos de heterotopias e heterocronias. Como heterotopias do tempo, cita os museus e as bibliotecas, "nas quais o tempo não cessa de se acumular e de se encarapitar no cume de si mesmo" (FOUCAULT, 2009, p. 419). A internet, em especial a WEB, poderia manifestar uma nova heterotopia do tempo, por acumular vários tempos em espaços interligados de sua configuração, o que também nos mobiliza nas investigações.

em outras áreas, sobretudo interdisciplinares, quando o interesse é investigar o espaço, complexo, com sua "arquitetura comunicacional" – e suas ações, relações e processos, mais visíveis na rede -, como elemento em dispositivo onde a sociedade está e se manifesta.

Com essa perspectiva, seguimos, atualmente estabelecendo um diálogo entre a Comunicação, a Museologia e a Tecnologia. O segundo exemplo que ora tratamos está inserido em uma das vertentes da pesquisa Museus e Patrimônio: Musealização no CHB[8], onde desenvolvemos ainda estudos de público, em um contexto de estudos de recepção, e sobre a virtualização aplicada a monumentos, este em conjunto com a equipe do Laboratório de Realidade Virtual (REVI)[9]. Contudo, aqui abordaremos a parte do estudo que direciona para um desdobramento de investigação, ao sinalizar uma primeira visada sobre espaços na WEB onde há zonas de contato, e de falas, sobre os Museus do CHB, com o objetivo de compreender se através deles é possível traçar as estratégias de relações que podem compor um dispositivo.

Nesse estudo, inicial, nos voltamos primeiramente aos espaços na WEB administrados diretamente pelos museus do CHB ou pelo Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIM)[10]. Fica claro que são poucos os sites na WEB administrados por estas instituições, apenas três, mas todos os seis museus estudados, e o próprio SIM, possuem páginas

8. Este projeto reúne professores de diversas áreas que desenvolvem várias pesquisas, sempre em um diálogo com a Museologia. Foi contemplado com o edital PE-Interdisciplinar – Propesp/UFPA. Como o projeto tem período determinado, dois anos, encerrado no final 2016, os desdobramentos da pesquisa, na vertente Comunicação, Museologia e Tecnologia, prosseguirão no projeto Cartografias na Internet: entre Memórias e Patrimônio, por nós coordenado.

9. O REVI é vinculado à Faculdade de Engenharia da Computação da UFPA.

10. O SIM é um órgão da Secretaria de Estado de Cultura do Pará e administra alguns dos principais museus de Belém, entre eles cinco dos seis alvo da pesquisa: Museu de Arte Sacra (MAS), Museu do Estado do Pará (MEP), Museu do Encontro no Forte do Presépio, Museu da Imagem e do Som (MIS), Museu da Casa das Onze Janelas. O outro museu estudado é o de Arte de Belém (MABE), vinculado à prefeitura da capital.

no Facebook. Entretanto, em todos os cenários as interações eram reduzidas, por exemplo, há poucas "curtidas", escassos comentários e compartilhamentos. Até mesmo as postagens não eram frequentes, o que pode ser um fator que impacta no hábito de visitar estes espaços na WEB.

Apesar de prosseguir na observação desses ambientes, e considerar os silenciamentos que neles transparecem, procuramos outros na rede onde pudessem haver mais frequência de manifestações. Identificamos, por exemplo, que há vários espaços "não oficiais" na WEB para tratar de questões que emergem em conflitos na área cultural da região[11]. Apesar de muitos deles possuírem igualmente reduzida interação, com por exemplo poucos comentários de leitores publicados, estes ambientes "não oficiais" podem ser vistos como outros locais de fala na rede, onde pode ser visualizada a existência de embates da sociedade. Um cenário de tensões que aflora na WEB também quando a questão envolve Cultura e Patrimônio.

Ainda em busca de espaços na WEB que pudessem mostrar um maior contingente de falas em questões sobre patrimônio no Pará, chegamos ao TripAdvisor, "uma comunidade de viagens" com "informações, dicas e opiniões reais de milhões de viajantes", como se identifica. Foi lá que encontramos uma quantidade significativa de comentários sobre os Museus do CHB[12]. O site tem gestores, e possui anúncios, mas se propõe a compor uma comunidade onde os "membros podem ler as avaliações uns dos outros". Ou seja, de acordo com a proposta os comentários não são mediados pelas instituições públicas, nem por integrantes organizados da sociedade civil. Mas os próprios "viajantes" trocam experiências, postam opiniões, fazem avaliações.

11. Um exemplo foi a questão envolvendo a possível criação do Polo Gastronômico e a extinção do Museu da Casa das Onze janelas, que motivou a criação de blogs e páginas no Facebook, apesar de desatualizados desde quando a polêmica "esfriou", no início do segundo semestre de 2016.

12. Por exemplo, no TripAdvisor, em 27 de novembro de 2016, o MAS do Pará possuía 378 avaliações e o Museu do Encontro, 130 avaliações, os dois espaços com mais comentários entre os seis estudados.

O que procuramos traçar é uma primeira "arquitetura" do espaço, buscando identificar os locais de manifestações na WEB sobre essa questão, para conhecê-los e verificar se é possível relacioná-los, se há uma rede entre o "dito e o não dito". As primeiras reflexões nos conduzem a perguntas, como: As falas, e também os silenciamentos, nesta rede, nos mostrariam operações em sistemas estratégicos que agem na interface poder-saber? Por que a vontade de falar se manifesta mais em um espaço que, a princípio, é desassociado da instituição pública e até mesmo de grupos organizados? Ou ainda, qual "função" teria o dizer (ou não dizer) em um determinado momento, o que poderia configurar, a partir de Foucault (2010), "acontecimento"? Acreditamos, como ensina o filósofo francês, que é necessário levar em conta "o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações", e perceber as "funções estratégicas" no interior de sistemas (Foucault, 2010, p. 255-256).

Há de se considerar também, na problemática do dispositivo como algo complexo e heterogêneo, a trama que mobiliza, que envolve o discurso sobre patrimônio, as instituições que o validam, as regulamentações, o sistema administrativo público que o aciona, e como as pessoas se veem participantes ou excluídas neste processo, e as alternativas que recorrem, em resistência. Na WEB, estas marcas aparecem, e o desafio é percebê-las, conectá-las, e seguir a malha para compreendê-la. No estudo, onde tratamos a observação, como falamos, é inicial e será incorporado a outra pesquisa mais ampla que desenvolvemos, que considera cenários nacionais em estudos sobre patrimônio cultural e museus, diante das tecnologias de conexão em rede, considerando esta complexidade.

4 O Sexo em discurso na WEB e o dispositivo

As redes digitais de conversação parecem ter nascido com uma vocação para falar sobre sexo. Afinal, a Users Network (usenet), um sistema de fórum de discussão criado em 1979, teve grande destaque no final dos anos 1980 e iní-

cio dos 1990 por disponibilizar o alt.sex. Uma hierarquia de grupos de discussão, inclusive, combatida por muitas universidades, após o caso ocorrido na Universidade de Waterloo, no Canadá, em 1994, que levou os newsgroups alt.sex-bondage, alt.sex.bestiality e alt.sex-stories ao Comitê de Ética por entenderem que violavam o Código Penal do Canadá (Melo, 2009). Também nos primórdios das redes, a própria Embratel responsável pela alimentação dos newsgroups, distribuía livremente os grupos para falar sobre prostituição, sexo, inclusive, com a nomenclatura alt.pedophile. Com o surgimento da WEB, veio também um número incontável de sites para falar sobre sexo. Ao estudarmos no mestrado[13] um desses espaços, o site denominando Guia de Garotas de Programa (GP GUIA), entre 2007 e 2009, é que nos inclinamos a pensar que esses espaços nada mais seriam do que produtos do dispositivo, que faz existir um lugar capaz de registrar atos do cotidiano.

Um dispositivo de saber e poder que ao longo das últimas décadas não só permitiu que se falasse sobre tudo relacionado ao sexo, como também organizou formas de falar e criou novas arquiteturas comunicacionais. Através dos discursos presentes neste fórum foi possível identificar, neste espaço da WEB, as relações de poder e resistência, entre clientes e prostitutas, onde os discursos masculinos se impunham como aptos, detentores de um poder que lhes foi "concedido" sobre o corpo feminino, seus prazeres ou desejos. Reiterando aquilo que Foucault traz quando trata do dispositivo afirmando que a sexualidade "aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder: entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população" (Foucault, 1988, p. 114). Entre os quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo, a partir do século XVIII, Foucault cita a histerização do corpo da mulher, uma estratégia de dominação

13. Mestrado desenvolvido por Ana Claudia Melo no PPGCOM Unisinos.

que fez como que as mulheres se fixassem no papel de esposa e mãe, e aquelas que fugissem a isso eram as "nervosas".

Entretanto, há outro ângulo, sobre a forma que o sexo vem sendo colocado em discussão na WEB, que nos parece extremamente desafiador. Trata-se de como este espaço consegue mobilizar uma intensa discussão sempre que há a abordagem de personagens gays em telenovelas, exibidos no horário nobre da televisão brasileira. Isso há pelo menos três décadas. Intensos debates transmidiáticos, onde a palavra assume posição estratégica. Tem poderes de injúria, de ferir, e ao mesmo tempo, como propõe Butler (2009), de abrir novas possibilidades de existência social. Antes da internet, enfrentamentos motivados pela abordagem da homossexualidade ocorreriam em uma esfera mais restrita - entre os públicos das seções dedicadas aos leitores de jornais e revistas, figurados por associações e instituições religiosas ou não, de defesa da família e da tradição. Com a internet, especialmente a WEB e redes sociais, os territórios se expandem. São palcos de expressão e confrontos, resultando em uma forte produção de controvérsias, não apenas destas instituições como porta-vozes da sociedade, mas de um grande público de telespectadores, usuários da rede.

Um exemplo disso pode ser visualizado por meio do anúncio de que a telenovela Babilônia, então prevista para estrear em fevereiro de 2015, traria duas personagens gays interpretadas pelas atrizes Fernanda Montenegro e Nathália Timberg. As duas, segundo Ricardo Linhares, um dos autores da telenovela, formariam um casal de lésbicas que estão juntas há décadas. Poucas horas depois do blog TV em Foco refundir a entrevista de Ricardo Linhares ao jornal Estado de São Paulo, já havia postagem criticando o teor da trama, em 21 de setembro de 2014. Identificado como corretor de imóveis, o autor da postagem, Zeca Simões, acusava a Rede de Globo de apologia a "tudo que há de mais obscuro e reprovável em nossa sociedade".

Depois da estreia de Babilônia, no dia 16 de março de 2015, um beijo protagonizado logo no primeiro capítulo da novela, entre as personagens Tereza (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg), fez imediatamente as redes so-

ciais serem tomadas por grupos de apoiadores e contrários à novela. Entre estes grupos, a chamada Frente Parlamentar Mista Permanente em Defesa da Família Brasileira lançou a campanha Diga Não Babilônia. Políticos chegaram, inclusive, a defender nas redes sociais boicote às marcas dos patrocinadores da novela.

A primeira publicação que tivemos acesso neste dia trata-se de um pequeno texto escrito por Cedar Attanasio com o título "Fernanda Montenegro, Nathália Timberg Lesbian Kiss: Brazilian Telenovela Stars Blow Up Twitter With Sexy Smooch [Memes]". Aborda a repercussão da cena da novela por meio do Twitter, traz exemplos de memes compartilhados sobre o beijo na rede de microblogs e linka-se diretamente à Comunidade Homofobia Não.

O texto de Cedar ressalta que o beijo esteve no topo da lista de Trending Topics, mobilizando artistas e políticos brasileiros e ao mesmo tempo provocando "controvérsia sobre a aceitação pública da homossexualidade". Comenta que o Brasil legalizou o casamento gay em 2013, mas os "homossexuais enfrentam discriminação galopante, incluindo as taxas flagrantes de assalto e assassinato". E que "muitos LGBT brasileiros procuraram asilo nos Estados Unidos". Conclui dizendo que ativistas pedem a criminalização de atos de ódio e que a Comunidade Homofobia Não, um serviço de mídia social sobre os direitos dos homossexuais, comemorou o beijo em sua página no Facebook.

A publicação de Cedar Attanasio, mesmo se tratando de um pequeno texto repercutindo uma cena de novela, abre inúmeras possibilidades para rastrear de que maneira os grupos se formam em torno da controvérsia envolvendo a temática queer e o beijo entre duas mulheres na novela Babilônia. Pois nos levou para outros espaços da WEB como a Comunidade Homofobia Não, onde o beijo foi fortemente discutido. Postagem sobre este assunto nesta comunidade, nos dias 16 e 17 de março, foi curtida por 5.004 pessoas, mobilizou 170 comentários, 440 compartilhamentos e uma intensa discussão sobre o beijo entre as personagens Tereza e Estela.

A Comunidade Homofobia Não, a partir desta controvérsia, linkava-se, por outro lado, à página da Rede Globo, no Facebook, que por sua vez se mostrou como espaço de controvérsia ainda maior, com 15.390 comentários, 7.140 compartilhamentos e 50.138 curtições. O primeiro comentário na Comunidade Homofobia Não, de Mary Lúcia, de São Paulo, deu início à disputa. Ela escreveu (sic): "A globo agora só sabe fazer novelas assim. Mulher com mulher e homem com homem. ...já se foi tempo q se faziam novelas interessantes". Vinte e sete pessoas curtiram a publicação de Mary Lúcia, que gerou cinco outras postagens como respostas. Dessas respostas, duas foram da própria Mary Lúcia aos demais que discordavam dela.

Na página da Rede Globo, o primeiro comentário foi de Thiago Guimarães Barbosa, de Itajaí, Santa Catarina. Ele escreveu (sic): "Engraçado q ninguém ficou de mimi sexta feira qnd o filho matou o pai em Império, crianças podem ver mortes, sexo hétero, mas celinho gay deturpa.. Viva o amor seja ele qual for". Exatas 3.707 pessoas curtiram esta postagem, que gerou 156 respostas. O autor desta primeira postagem ainda fez outras onze defendendo o seu ponto de vista, nesta única discussão.

Para partir em busca de identificar os afetos mobilizados nessas duas discussões, dois autores são estratégicos. O primeiro é Spinoza (2014) quando se lança na explicação dos afetos para tentar compreender o ser humano e propor maneiras de viver melhor a vida. O segundo autor é Damásio (2004) que a partir de Spinoza estuda os sentimentos propriamente ditos, aquilo que são e aquilo que o fazem.

O pensamento de Spinoza é o convite para estudar a maneira como nossos corpos são afetados pelo mundo transmidiático. Isso porque segundo Spinoza (2014), o corpo humano pode ser afetado por diversas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência nem maior nem menor. Spinoza traz ainda o afeto como as afecções do corpo. Além de definir o que são os afetos primitivos (alegria, tristeza e desejo), Spinoza nos ajuda a compreender o desprezo, aversão, o escárnio, a ira, o preconceito, o bem e o mal.

A partir de Damásio (2004) estão, entre outras, as compreensões de emoção e sentimento. Este autor observa que o uso habitual da palavra emoção tende a incluir a noção de sentimento. Mas, na tentativa de compreender a cadeia complexa de acontecimentos que começa na emoção e termina no sentimento, ele explica que separar a parte do processo que se torna pública da parte do processo que sempre se mantém privada ajuda a clarificar as ideias.

> À parte pública do processo chamo ***emoção*** e à parte privada ***sentimento***. As emoções são ações ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz, ou em comportamentos específicos. Os sentimentos, pelo contrário, são necessariamente invisíveis para o público, tal como é o caso de todas as outras imagens mentais. As emoções desenrolam-se no teatro do corpo. Os sentimentos desenrolam-se no teatro da mente. As emoções e as reações com elas relacionadas parecem preceder os sentimentos na história da vida e constituir o alicerce dos sentimentos. Os sentimentos, por outro lado, constituem o pano de fundo da mente. As emoções e os sentimentos estão, assim, intimamente relacionados (Damásio, 2004, p.35, grifo nosso).

A priori, esta breve análise crítica nos demonstra que cada comentário publicado, seja na *Comunidade Homofobia Não* ou na postagem da página da Rede Globo, encontra-se mais carregado de disputas em torno de saber-poder do que de aprovação ou desaprovação da veiculação do beijo entre as duas personagens da telenovela *Babilônia*. Até porque esta controvérsia que nasce logo nas primeiras horas após o beijo se desdobrou sobre “normalidade”, “apelação”, “Deus”, “Jesus”, “respeito”, “preconceito”, “religião”, demonstrando que cada ator desta rede mais do que uma opinião diferente disputava com os demais um ponto, uma “verdade sobre o sexo”, usando argumentos em torno do “direito a ser o que se

quer ser" e o "pecado". Uma disputa carregada de emoções em torno do saber-poder.

Para mapear essas controvérsias presentes em relatos, o conceito de *dispositivo* é estratégico na Metodologia do trabalho que está em curso. Porque ao buscar identificar quais argumentos mobilizaram (a religião, afetos, o Direito, a liberdade, o pudor, a anormalidade), como argumentaram (com ameaças de punição, com ofensas, com desdém, repulsa, intolerância, ódio, com negação, com respeito) e com quem se confrontaram (com a novela, com a Rede Globo, com outras pessoas), estudamos os discursos de sexualidade segundo as "prescrições de prudência", sugeridas por Foucault (1988, p. 108). O autor propõe uma metodologia que considere a regra de imanência, ou seja, que a produção de saberes se relaciona com relações de poder; focos de saber-poder. Outra regra é a das variações contínuas, que irá ter como princípio norteador que as relações de poder não são estáticas e nem há dualidade opressor/oprimido. A terceira prescrição está relacionada à regra do duplo condicionamento, que afirma que os focos locais de poder são condicionados por estratégias globais e vice-versa, ambos apoiando-se mutuamente um no outro. Por fim, cabe-nos ainda citar a regra da polivalência tática dos discursos, que observa que o discurso não reflete a realidade, o poder e o saber se articulam no discurso. Por isso, não há discurso excluído e dominante, mas uma multiplicidade de discursos, que se inserem em estratégias diversas. O discurso veicula e produz poder.

Esses são alguns dos ensinamentos sobre o *dispositivo* foucaultiano que nos mobilizam a refletir sobre a época contemporânea e as problemáticas que apresenta, com expansões nas quais se articulam as tecnologias de conexão em rede e a sociedade, em ambiente complexo. Mesmo sem ter vivido a era atual, Foucault já afirmava no final dos anos 1960 do século passado que estamos diante da "época do espaço [...] época do simultâneo, [...] da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso" (Foucault, 2009, p. 411). Esta época, segundo Foucault (2009), caracte-

rizada por experiências de mundo que se assemelham mais a uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama.

A rede que apontava Foucault, em um ato visionário, se tornou mais evidente aos nossos olhos na virada para o século XXI, quando, mais amplamente, a sociedade pode se perceber e se ver na rede, em "espaços outros", indispensável ao exercício contemporâneo do poder. E ainda, ao se expandir através das tecnologias de conexão em rede, fica cada vez mais patente o deslocamento pulsante que a faz alterar a trama e ser alterada por ela. Este dinamismo também percebemos no conceito de *dispositivo*, que associado aos estudos em *midiatização* e *teoria dos afetos*, pode contribuir fortemente na compreensão de fenômenos contemporâneos cujas materialidades podem ser obtidas através do "dito e do não dito", mas também do *upload* e do *download*, da postagem, do comentário, do compartilhamento, do *reaction*, ou até da ausência deles. E ainda da solicitação e da negação, do acesso e do bloqueio, do consentido e do interdito, ou do apagado, removido ou suspenso, como dobras múltiplas de uma mesma interface. Ações, reações, omissões são *nós*, *links,* através dos quais se pode compreender as estratégias das relações que compõem o *dispositivo*, em uma tentativa de atualização do conceito. É circulando na rede que se compreende a trama, que pode ser configurada em diversos recortes de estudos envolvendo sociedade e tecnologia, na contemporaneidade.

Referências

BAUDRY, J. L. 1978. *L'effet Cinéma*. Paris, Albatros, 173 p.

BLOG TV EM FOCO. 2014. *Autor da próxima novela das nove fala sobre casal gay e inter-racial*. Disponível em: <http://otvfo co.com.br/audiencia/autor-da-proxi ma-novela-das-nove-fa la-sobre-casal-gay-e-inter-ra cial/>. Acesso em: set. 2014

BUTLER, J. 2009. *Lenguaje, poder e identidade.* Madrid, Sintesis, 271 p.

DAMASIO, A. 2004. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.* São Paulo, Cia das Letras, 358 p.

FACEBOOK. 2015. *Comunidade Homofobia Não.* Disponível em: <https://www.facebook.com/hnao1/photos/a.699045736793495.1073741825.242631165768290/937374966293903/?type=3&theater>. Acesso em: diversos 2015-2016.

_____. 2015. *Página da Rede Globo*. Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeGlobo/photos/a.190661634363558.41417.150312925065096/805960909500291/?type=3&theater>. Acesso em: diversos 2015-2016.

FAUSTO NETO, A. 2010. A circulação além das bordas. *In*: Coloquio del Proyecto "Mediatización, sociedad y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos" - Diálogos entre Brasil y Argentina, Rosario, 2010. *Anais* … Rosário, Universidad Nacional de Rosario. 1: 2-17.

FERREIRA, J. 2007. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós.* v. 10, 13 p. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/196/197>. Acesso: set. 2016.

_____. 2016. Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos. *Matrizes,* São Paulo, v. 10, n. 2, p. 135-153.

FOUCAULT, M. 1972. *A Arqueologia do saber*. 1ª edição. Petrópolis, Vozes, 239 p.

_____. 1992. *As Palavras e Coisas; uma arqueologia das ciências humanas*. 6ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 408 p.

_____. 2009. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos e Escritos. Vol. 3. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 432 p.

_____. 2010. *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 396 p.

_____. 1988. *História da sexualidade* – A vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, v. 1, 176 p.

_____. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 295 p.

JENKINS, H. 2008. *Cultura da convergência.* São Paulo, Aleph, 368 p.

MELO, A. C. 2009. *Dos Mercados às Redes de Comunicação: O Fórum de Discussão Segundo o Dispositivo, o Espaço e a Sexualidade*. São Leopoldo, RS, Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 194 p.

SILVA, C. L. S. 2012. *Embates sobre o webjornalismo brasileiro: Censura, controle e resistência na midiatização do jornalismo na internet*. São Leopoldo, RS. Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 329 p.

SPINOZA, B. 2014. *Ética*. 2.ed. Belo Horizonte, Autêntica, 238 p.

TARDE, G. 2005. *A Opinião e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 199 p.

TRIPADVISOR. 2016. *TripAdvisor Brasil.* Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acesso em: diversos 2016.